



V Encontro Nacional de Acessibilidade Cultural

COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL ACESSÍVEL: FOLDER AUDIOVISUAL MULTIFORMATO DO MUSEU DA UFRGS.

**CARDOSO, EDUARDO (1) NOGUEIRA, TIAGO C, (2); ZARDO, KEMI O.(3);
SOUZA, BRUNA (4)**

1. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Departamento de Design e Expressão Gráfica.
Rua Miguel Couto 218, Menino Deus, Porto Alegre CEP: 90850-050
eduardo.cardoso@ufrgs.br

2. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Departamento de Línguas Modernas.
Av. Protásio Alves 7355, apt 802, Petrópolis, Porto Alegre CEP: 90410-003
tiago.coimbra@ufrgs.br

3. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Acadêmica de Bacharelado em Letras - Tradução e
Interpretação de Libras - Português.
Av. Chicago, 59 apto 13, Floresta, Porto Alegre CEP 90240-010.
kemioshiro@gmail.com

4. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Acadêmica de Bacharelado em Design Visual
Av. Sarmiento Leite, 320, Centro, Porto Alegre CEP 90050-170.
brunassouza16@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Segundo Bergström (2009), a base de toda a comunicação é o fato de alguém, um emissor, ter algo a dizer (uma mensagem) a um receptor. O objetivo do emissor é exercer influência pela emoção, motivação ou informação, e a mensagem é adaptada a esse propósito. Para que isto ocorra, deve-se estabelecer um canal entre o emissor e receptor: o código e o meio. Assim, o emissor espera que a mensagem gere conhecimento, interesse e, finalmente, uma ação. Desta forma, a comunicação, modo natural de socialização entre as pessoas, tem tido uma importante via de expressão do conhecimento humano.

Segundo Araújo, 2017, a tradução audiovisual - TAV (*Audiovisual Translation* ou AVT), como subárea dos Estudos da Tradução, é voltada para as práticas de tradução nos meios de comunicação, que envolvem meio(s) audiovisual(ais). Pode ser Inter linguística (entre duas línguas diferentes) ou intralinguística (dentro da mesma língua, como por exemplo, a legendagem para surdos e ensurdecidos – LSE) ou intersemiótica (entre meios semióticos diferentes, como a Audiodescrição que traduz imagens em palavras).

Acerca do contexto museal, para Guarnieri (2010, p. 76-77), atualmente, o museu é entendido como “um órgão de pesquisa e comunicação, mas também um órgão documentador que se caracteriza por manter um tipo de exposição muito especial: a de objetos originais e de reproduções fiéis”. Portanto, “o Museu pode – e deve ser – um agente humanizador do processo de desenvolvimento do Homem e da Humanidade, num contexto totalizante e universalizante”.

Para Araújo (2004), o museu seria um espaço que conformaria “um lugar informado (...), em que (...) a informação concretiza, na medida em que produz aprendizado e comportamento”. É possível acrescentar que:

“A cultura é assim, um fato de três dimensões: aos objetos físicos se conferem significações, que partem de sujeitos (seus criadores ou receptores), que entre si, por causa ou em consequência dessas significações, estendem uma teia de inter-relações sociais”. (VILANOVA, 2004, p.280)

Guarnieri (2010, p. 124) salienta que a profunda relação entre homem e objeto dentro do museu não depende apenas da comunicação das evidências do objeto, mas também do “recinto do museu como agente da troca museológica”. Essa troca ocorre pela administração, conservação e organização de novas maneiras de informação por meio da elaboração de discursos expositivos e estratégias pedagógicas (CADERNOS DE SOCIOMUSEOLOGIA, 1996).

Sarraf (2013, p. 46) salienta que, em 1992, com a Declaração de Caracas (no Encontro Regional do ICOM da América Latina), a comunicação é considerada “um elemento chave para o desenvolvimento de estratégias de acessibilidade para os diferentes públicos dos museus e para a mudança do discurso vertical da museologia tradicional para um discurso horizontal e participativo”.

Assim, no final do século XX e início do século XXI, os ambientes culturais começam a desenvolver projetos e programas visando a inclusão de pessoas com deficiência, assim como de públicos com dificuldades físicas e cognitivas: crianças pequenas, idosos, pessoas com acesso restrito à cultura. E, nesta nova realidade enfrentada pelos espaços culturais, é possível compreender a origem de algumas das atuais estratégias empregadas para “garantir a presença qualificada do público, que tem como características principais o acesso, a interação e a mudança da linguagem expositiva e dos produtos culturais” (SARRAF, 2013, p. 47).

Para tanto, não basta pensar as maneiras de comunicação museológica, mas também deve-se considerar as formas de comunicação institucional para que o público seja adequadamente informado sobre o acervo e serviços da instituição. Desse modo, esse primeiro contato pode ser o promotor do acesso dos mais diversos públicos aos espaços culturais.

O contexto legal vigente reforça essa situação e A Lei Brasileira de Inclusão - LBI (Lei nº 13.146/2015) que entrou em vigor em 03 de janeiro de 2015, representa novo marco sobre as questões envolvendo a igualdade, como vê-se nos artigos abaixo:

Art. 42. A pessoa com deficiência tem direito à cultura, ao esporte, ao turismo e ao lazer em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, sendo-lhe garantido o acesso:

I - a bens culturais em formato acessível;

II - a programas de televisão, cinema, teatro e outras atividades culturais e desportivas em formato acessível;

Art. 67. Os serviços de radiodifusão de sons e imagens devem permitir o uso dos seguintes recursos, entre outros:

I - subtítuloção por meio de legenda oculta;

II - janela com intérprete da Libras;

III - audiodescrição.

Os recursos de comunicação citados também são apresentados em diferentes normas técnicas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (NBR16452 - Acessibilidade na comunicação – Audiodescrição; NBR 15599 - Acessibilidade - Comunicação na prestação de serviços; NBR 15290 - Acessibilidade em comunicação na televisão) e salientam a importância de relacionar os elementos de uma abordagem de comunicação integrada e inclusiva para promoção da informação autonomia para todos. Assim, se faz necessário estudar as estratégias e formas de comunicação e como isso afeta a recepção, a interpretação e a cognição do usuário.

2. OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho é propor um método para produção de material audiovisual acessível para divulgação de material informativo e de divulgação em multiformato de modo a contemplar a todos, incluindo as pessoas com deficiência sensorial, intelectual ou mesmo idosos e pessoas com baixa letrecia.

3. METODOLOGIA

A partir de discussões e pesquisas correntes acerca de produtos audiovisuais multiformato, o Coletivo COM Acesso – Comunicação Acessível – UFRGS propôs criação de um produto audiovisual multiformato para divulgação institucional e dos serviços de atendimento do Museu da UFRGS. A proposta do folder em versão impressa existente e das informações nele contidas. Desse modo, são empregados recursos de comunicação para todos os públicos. Segundo uma abordagem integrada e tentando a menor interferência na peça original são empregados os recursos de legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE), janela de Libras e Audiodescrição. Duas vozes fazem a locução dos textos e da audiodescrição. Uma voz feminina faz a locução dos textos informativos presentes na versão impressa e uma voz masculina faz a descrição das imagens contidas na peça. Ao mesmo tempo em que são narrados os textos presentes no impresso, as legendas surgem na tela como se preenchessem as páginas do folder exatamente como aparecem no original. Ao lado do texto há a interpretação em Libras com intérprete recortado sobre a peça gráfica. De acordo com essa abordagem pretende-se criar um produto audiovisual acessível e atraente a diferentes públicos.

3.1 Descrição do Corpus

Para o desenvolvimento da peça piloto foi selecionado o Museu da UFRGS. O Museu, desde sua criação em 1984, vem trabalhando com a memória e a identidade da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e da cidade de Porto Alegre, seja por meio de exposições temáticas, seja como local de pesquisa através de seu acervo. Segundo um de seus objetivos, “(...) procura proporcionar aos visitantes experiências únicas, que aliam fruição, lazer e conhecimento, tornando o público protagonista de sua aprendizagem” (MUSEU DA UFRGS¹, 2017). O Museu é localizado no Campus Central da UFRGS e é aberto à toda comunidade, acadêmica e externa. Deste modo, a diversidade do público, assim como as diferentes maneiras de comunicação para todos devem ser consideradas.

3.2 Sujeitos da pesquisa - amostragem

Acerca dos critérios de inclusão da pesquisa, para fins de validação da metodologia proposta serão sujeitos da pesquisa: jovens e adultos com e sem experiências prévias em museus e com materiais de divulgação institucional dessa natureza. Entre esses sujeitos, mesmo o produto audiovisual acessível podendo contribuir para a comunicação de um público mais abrangente, será feito teste de recepção com pessoas com deficiência visual (cegos e pessoas com baixa visão) e pessoas com deficiência auditiva (surdos e/ou ensurdecidos).

3.3 Procedimentos metodológicos

O desenvolvimento do projeto seguiu os seguintes passos: (1) Contato com o Museu e coleta de informações (versão impressa e digital do folder existente); (2) Elaboração e revisão do roteiro de audiodescrição; (3) Gravação em estúdio da locução da audiodescrição e pós-produção do áudio; (4) Tradução do texto existente no folder para Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS); (4) Gravação em estúdio da interpretação em Libras e pós-produção do vídeo; (5) Animação digital das legendas e do percurso de leitura (câmera) nas diferentes páginas do folder; (6) Edição dos áudios e vídeos na animação; (7) Fechamento dos arquivos.

O teste de recepção a ser realizado seguirá as seguintes etapas: (1) Contato com o público e convite para participação do teste; (2) A partir do aceite dos participantes, apresentação da pesquisa, dos objetivos, dos procedimentos e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido por meio de formulário eletrônico; (3) Disponibilização do link com o arquivo que pode ser acessado pelo participante por computador ou por dispositivo móvel remotamente; (4) Preenchimento do questionário de identificação do sujeito; (5) Visualização do audiovisual; (6) preenchimento do formulário eletrônico pelo participante; (7) Transcrição dos dados e tabulação dos resultados para análise. Também será considerada a avaliação de um grupo in loco para contato direto e discussão presencial.

RESULTADOS ESPERADOS/CONCLUSÃO

Conforme apresentado, os estudos partem das bases da comunicação e da tradução audiovisual acessível com vistas a promover a informação e autonomia para o público em geral, incluindo as pessoas com deficiência. Deste modo, cabe salientar que produtos acessíveis como o em questão

¹ <https://www.ufrgs.br/museu/museu/>

podem contribuir para a experiência de todos, não só das pessoas com deficiência, assim como salienta o Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis do Ministério da Cultura (MinC, 2017, p.11).

“(…) um recurso de acessibilidade bem empregado faz com que a produção audiovisual chegue às pessoas com deficiência com qualidade e possa ser experienciada com prazer, entretenimento e crítica. Um recurso bem empregado traz à tona a apreciação e discussão da obra, e não do recurso em si”

Como ainda não foram realizados os testes de recepção, não pode-se aferir a eficácia e eficiência da peça para os sujeitos da pesquisa. Todavia, a partir da experiência dessa produção abre-se caminho para desdobramentos da pesquisa e mesmo para novas pesquisas, tal como: (1) produção de audiovisual acessível para publicações diversas (catálogos, livros e livretos); (2) adaptação de conteúdos audiovisuais presentes na expografia do espaço cultural; (3) emprego de outros formatos de comunicação, sistemas de disponibilização, incluindo os recursos físicos (maquetes, impressão ampliada e em relevo, comunicação aumentativa e alternativa, sistema de comunicação pictográfica – SPC, entre outros; (4) testes de recepção com outros públicos conforme o desenvolvimento de novas estratégias e/ou recursos de comunicação, tal como pessoas com deficiência intelectual, idosos e/ou com baixa letrecia.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Marcelo M. **Comunicação Museológica**: desafios e perspectivas. In: Anais do Seminário de Capacitação museológica. Belo Horizonte: Instituto Cultural Flávio Gutierrez, 2004, p. 304 – 314 (11p).

ARAÚJO, V. L. S. **Audiodescrição**: aspectos teóricos e práticos da audiodescrição. Fortaleza: ed. UECE, 2017.

BERGSTRÖM, B. **Fundamentos da Comunicação Visual**. São Paulo: ed. Rossari, 2009.

BRASIL. **Lei Brasileira de Inclusão** - Lei nº 13.146 de 06 de julho de 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm.

Acesso em: 02 fev. 2016.

Cadernos de Sociomuseologia: Centro de Estudos de Sociomuseologia. ULHT – Universidade Lisófona de Humanidades e Tecnologias. N. 9, 1996.

GRIJP, Ana Carolina; LIMA, Francisco José; GUEDES, Livia Couto; OLIVEIRA, Leny Ferreira. A produção de desenho em relevo: da imagem visual para a representação tátil. In: **RBTV – Revista Brasileira de Tradução Visual** - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, v. 4, n. 4, 2010.

Ministério da Cultura – MinC. **Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis**. Disponível em:

https://www.camara.gov.br/internet/agencia/pdf/guia_audiovisuais.pdf. Acesso em 10 de setembro de 2017.

SARRAF, Viviane Panelli. **A comunicação dos sentidos nos espaços culturais brasileiros**: estratégias de mediações e acessibilidade para as pessoas com suas diferenças. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013. VILANOVA, Lourival. **Notas para um ensaio sobre a cultura**. In: Escritos jurídicos e filosóficos. São Paulo: Axis Mundi – IBET, 2004.

Palavras-chave: Comunicação; Acessibilidade; Audiovisual.